

UM SOLDADO DO PASSADO

Cap. I. E. J. J. Camerino

O velho e lendário Forte de Coimbra, desde os tempos coloniais plantado á beira do rio Paraguaei, inscreveu-se na História como uma das afirmações perenes da magnificência das nossas cousas e do valor da nossa gente.

Por isso, quando há alguns meses atrás, tive a almejada oportunidade de conhecê-lo, não foi sem certa emoção e curiosidade que me encontrei entre os muros centenários da antiga praça de guerra.

Afavelmente acolhido, senti-me logo á vontade em meio dos distintos camaradas que naquela guarnição longínqua, estimulados pelas lições dos seus heróis, servem com dedicação e abnegadamente á Pátria.

Consagrei-me, então, nas horas de lazer, a melhor conhecer os fatos de outrora e visitar aqueles recantos que foram as suas mudas testemunhas. Em contacto mais estreito com as reminiscências do passado, vi, com os olhos da imaginação, o drama de várias gerações que provaram do sacrificio e compartilharam da glória na construção da grandeza dum Povo.

Foi quando, nessa mirada retrospectiva, divisei, atraindo minha admiração e simpatia, a figura — raro assinalada nos anais militares — do bravo Tenente João de Oliveira Melo.

A evocação da sua vida é merecido tributo á memória desse insigne soldado, cujo acendrado patriotismo pleno de renúncia, incmensurável modestia, situaram-no sempre na penumbra dos acontecimentos apesar dos seus relevantes serviços e destacado mérito.

Oxalá, surja em breve o seu verdadeiro panegrico em forma mais condigna.

É do próprio histórico do Forte a maior parte das notas aquí divulgadas e que foram completadas noutras fontes.

Nascido em Maceió, no Estado de Alagoas, a 5 de Fevereiro de 1836, João de Oliveira Melo assentou praça em 13 desse mês do ano de 1851. Frequentou a Escola Militar onde tirou o curso de infantaria pelo regulamento de 1858, sendo promovido a 2.º Tenente por decreto de 2 de Dezembro de 1860 e classificado no Corpo de Imperiaes Artífices.

Em 1861 foi transferido para o Corpo de Artilharia de Mato Grosso, cuja Província foi principal cenário da sua carreira.

Moço ainda — pois contava apenas 28 anos — fez parte da pequena guarnição de pouco mais de cem homens que sob o comando do

valeroso Tenente-Coronel Portocarrero, resistiu e repeliu os ataques dos dias 27 e 28 de Dezembro de 1864, desfechados pelo Coronel Barrios com forças superiores a 3.200 soldados.

Dispondo de oitenta homens apenas, expulsou repetidas vezes a infantaria paraguaia, causando-lhe sensíveis perdas e mantendo intacto o recinto do Forte que defendia. Sua extraordinária bravura, calma e sangue frio, tornaram inúteis todas as tentativas feitas pelo inimigo para penetrar nas fortificações.

Na angustiosa tarde daquele dia 28, foi ainda escolhido para proceder a um reconhecimento nas imediações. Aproveitando as últimas luzes do prolongado crepúsculo, agiu rapidamente com serenidade e acerto, tendo contado para mais duma centena de adversários tomados, recolhido dezoito feridos e oitenta e cinco armas contrárias.

E quando chega o trágico e doloroso momento da evacuação, permanece até o derradeiro instante ao lado do seu intemerato Comandante, enquanto sua esposa, seguindo-lhe o gesto nobre, em companhia de Dona Ludovina Portocarrero são as últimas mulheres a embarcar.

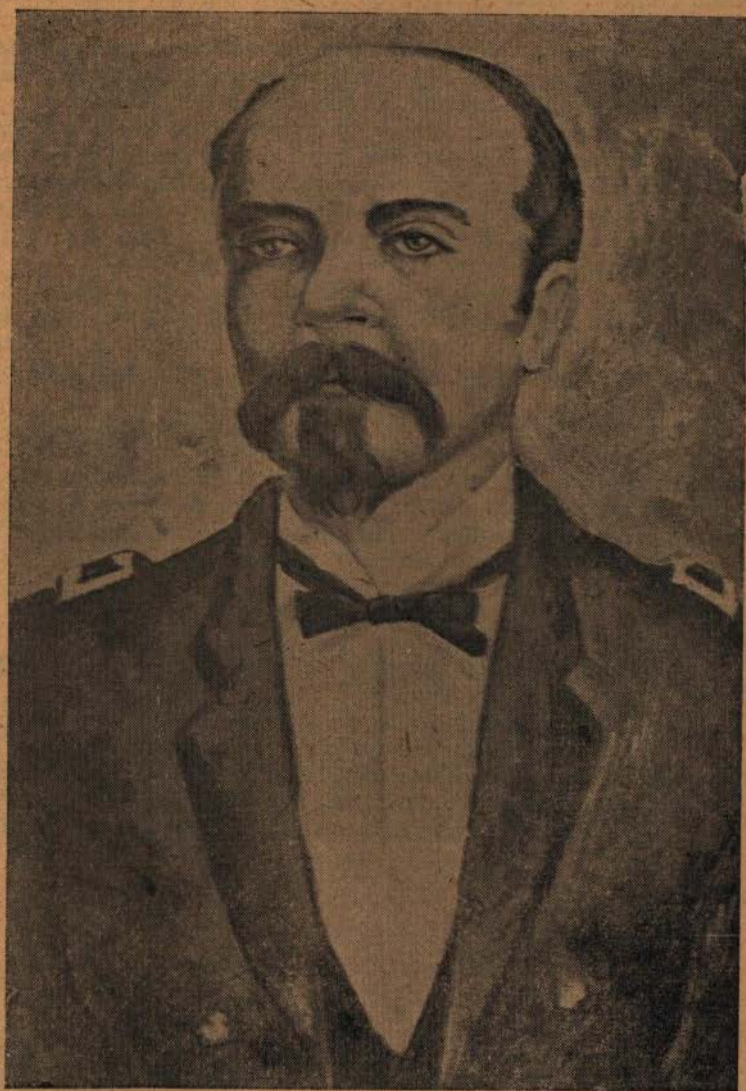
Em Janeiro do ano seguinte, dá-se igualmente o abandono da cidade de Corumbá. O tenente Melo no meio da desordem, confusão, indisciplina e desespero dos fugitivos, consegue fazer desembarcar quatrocentas pessoas no lugar denominado Sará e através das mais tremendas dificuldades, vicissitudes e grandes riscos, conduzi-las a salvamento até Cuiabá.

Realizada a interminável e penosa marcha, entra na cidade pelo caminho da povoação de Coxipó em 30 de Abril. A população vai recebê-lo e o acolhe triunfantemente ofertando-lhe, como homenagem, uma corôa de flôres naturais.

"S. Excia. Reverendíssima (o Bispo de Cuiabá) sai ao encontro do soldado valente, do salvador de tantas pessoas, aperta-o contra o seu peito, estreita-o em seu coração e réga-o com uma lágrima de prazer. Solto dos braços paternos do venerando prelado, o Tenente Melo entrou com a sua comitiva na Catedral, onde foi entoado solene Te-Deum em ação de graças. Terminada esta cerimônia religiosa, tomou o préstito o caminho do largo do Palácio e aí o Presidente da Província passou em revista o Corpo de Artilharia lendo, em seguida, uma proclamação" (do jornal "A Imprensa", editado na época).

Houvesse entre os retirantes de Corumbá um outro Taunay e teríamos hoje a nossa História enriquecida de mais uma inesquecível e gloriosa página — de Constancia e Valor — comparável, talvez, à epopéia da Laguna. Episódio infelizmente mal conhecido nos seus pormenores, é das ações do Tenente Melo, por certo, a que mais o engrandece e eleva na admiração de todos.

Quando surgiu a figura serena e impávida de Augusto Leverger, impedindo o panico, restabelecendo a ordem e o animo para a defesa de Cuiabá — o que lhe valeu mui justamente ser considerado o antemural de Mato Grosso — o destemido Tenente dedicou-se ativamente em ajudá-lo nessa difícil tarefa.



O intrépido Tenente João de Oliveira Melo

Chegada a hora do desforço, não esquecendo as amarguras que lhe impuzera o rude contendor, toma parte saliente, já como Capitão, na investida e retomada de Corumbá do dia 13 de Junho de 1867, servindo como imediato auxiliar do Tenente-Coronel Antonio Maria Coelho.

Finda a guerra, retira-se despretensiosamente; quasi ignorado, retoma, sem alardes, durante larguíssimos anos, os seus afazeres de tempo de paz até que a reforma lhe chega no posto de Coronel.

Não obstante sua vida militar encerrasse as mais belas lições de heroísmo e abnegação sem par, posto que tivesse gozado a satisfação de vêr-se vitoriado por um povo inteiro, a aclamá-lo delirantemente — escreve Estevão de Mendonça — jamais tivera a febre das grandezas. Homem simples, de maneiras fidalgas, ilustrado e acessível, gozava em Cuiabá da estima e consideração geral.

Reservou o destino ao velho soldado um triste epílogo. E na manhã de 17 de Abril de 1899, um fatal incidente ocorrido no posto da Usina Conceição, põe termo a sua preciosa existência, perecendo no mesmo rio Cuiabá cujas aguas tantas vezes refletiram suas belas ações.

Os ensinamentos e os exemplos dos que já se foram hão de durar em todo o tempo na nossa lembrança; servirão para guiar e fortalecer os corações dos que hoje são os continuadores da obra de ontem.

Eis por que, embora morto, nos momentos de angústia, ele estará sempre presente entre nós, ao lado doutros heróis nacionais que formam a falange dos eternos redivivos da Pátria.

Em Abril de 1943.

Bibliografia:

- "Mato Grosso Invadido" e "Augusto Leverger", do Visconde de Taunay;
- "Datas Matogrossenses", de Estevão de Mendonça;
- "Efêmerides Brasileiras", do Barão do Rio Branco;
- História das Campanhas do Uruguái, Mato Grosso, e Paraguái", de E. C. Jourdan;
- "A Invasão Paraguaia na Brasil", de Walter Spalding.

